

## 11. Primatas<sup>1</sup>

“Um dos maravilhosos efeitos dessa grandiosa época é que nossos instintos voltaram a ficar mais claros e certos”. São essas as palavras iniciais de um ensaio do conhecido professor Werner Sombart publicado por esses dias no jornal *Berliner Tageblatt* sobre “nossos inimigos”. Estes últimos são argutamente identificados com ajuda dos instintos claros do professor que os coloca na balança, um depois do outro, concluindo que apenas três grandes povos – os franceses, os russos e, principalmente, os ingleses – merecem o seu ódio ou, pelo menos, o seu respeito. Os outros povos contra os quais soldados alemães lutam neste momento em sangrentos campos de batalha, para o professor, sequer seriam dignos do seu ódio.

“Os pequenos”, escreve o professor, “incluindo o Japão, nem contam. Se Mônaco nos declara hoje a guerra e amanhã, o Marrocos, será impossível, para nós, perceber tais agrupamentos artificiais como corpos coletivos. Assim, os sentimentos individuais poderão oscilar em relação a esses inimigos colaterais. Pessoalmente, vejo o reino de Montenegro

---

<sup>1</sup> Publicado em Rosa Luxemburgo, *Gesammelte Werke 7/2*, Berlim, Dietz, 2017, p.911-13. Este texto não é assinado, mas Rosa Luxemburgo com certeza é a autora, pois Mathilde Jacob anotou as iniciais RL em seu exemplar.

O número 1 da revista *Sozialdemokratische Korrespondenz* (SK) foi publicado em Berlim no dia 27 de dezembro de 1913 com o artigo *Arbeitslos! [Desempregado!]* de Rosa Luxemburgo (ver Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos*, volume I, São Paulo, Editora UNESP, 2017, p.473-77). A SK foi anunciada no dia 17 de dezembro de 1913 por Julian Marchlewski, Rosa Luxemburgo e Franz Mehring, depois do rompimento com a redação do jornal *Leipziger Volkszeitung*. No início de outubro de 1913, um artigo crítico de Rosa Luxemburgo, *Nach dem Jenaer Parteitag (Depois do congresso do partido em Jena)*, encontro durante o qual houve violentas discussões com e sobre Rosa Luxemburgo, foi recusado, com ofensas, pelo redator-chefe do jornal *Leipziger Volkszeitung*, Julian Marchlewski (ver *Gesammelte Werke 3*, p.243 ss e p.358 s.). Em 1913/1914, a SK era publicado três vezes por semana, e de janeiro a maio de 1915 só uma vez por semana com o *Panorama econômico (Wirtschaftliche Rundschau)* de Julian Marchlewski.

Desde o início da Primeira Guerra Mundial com o estado de sítio e censura à imprensa, Rosa Luxemburgo não assinou mais seus artigos para a SK, para não dar motivos de queixa por parte das autoridades policiais e militares.

Felizmente, muitos números da SK foram conservados graças a Mathilde Jacob, a qual anotou à mão as iniciais dos autores. Sabe-se que ela datilografou os manuscritos de Rosa Luxemburgo, Franz Mehring e Julian Marchlewski para a revista. Sua coleção da SK foi doada por volta de 1940/41 à família de Fritz Winguth em Berlim e desde os anos 1980 está em mãos de particulares. Existem cópias nos Hoover Institution Archives em Stanford, Califórnia (EUA), nos Rosa Luxemburg and Mathilde Jacob Papers e com Ottokar Luban em Berlim. Sobre a análise desses documentos ver Ottokar Luban, *Erstmalig identifizierte Artikel Rosa Luxemburgs in den Kriegsnummern der Sozialdemokratischen Korrespondenz [Artigos identificados de Rosa Luxemburgo na Sozialdemokratische korrespondenz]* (agosto a dezembro de 1914), in: Rosa Luxemburg im internationalen Diskurs [Rosa Luxemburgo no discurso internacional], Internationale Rosa-Luxemburg-Gesellschaft em Chicago, Tempere, Berlim e Zurique (1998-2000). Org. por Narihiko Ito, Annelies Laschitzka e Ottokar Luban, Berlim 2002, p.276 e seg.; idem *Mathilde Jacob – mehr als Rosa Luxemburgs Sekretärin [Mathilde Jacob, mais do que secretária de Rosa Luxemburgo]*. In: Rosa-Luxemburg-Forschungsberichte, caderno 6, Leipzig 2008, p.196 e seg., especialmente p.210. Ver também Hannah Lotte Lund: “*Ich umarme Sie mit grossser Sehnsucht!*” [Abraço-a com muita saudade], correspondência entre Rosa Luxemburgo e Mathilde Jacob. In: Elke-Vera Kotowski, Anna-Dorothea Ludwig, Hannah Lotte Lund: *Zweisamkeiten. 12 aussergewöhnliche Paare in Berlin*, Berlim 2016, p. 89 e seg.

como uma piada de mau gosto da história universal. Considero a Bélgica um aborto da política, e a nacionalidade belga, para mim, tem uma conotação cômica. De resto, só podemos ter pena dessa gente. Os sérvios e os japoneses evocam um sentimento de repugnância e de repulsa, e não posso deixar de imaginar que sujaríamos armas honestas se lutássemos contra esses povos. Os sérvios, esses conhecemos mais como comerciantes de ratoeiras e estudantes, além da sua história de regência indizivelmente suja. Os japoneses, com quem lido mais enquanto professor acadêmico, mesmo antes da guerra nunca enxerguei como pessoas, e sim como primatas com boa capacidade de aprendizagem. Dificilmente seremos capazes de nutrir um sentimento humano em relação a eles. Certamente, tampouco o ódio. Pois não se ‘odeia’ um cão que morde a sua canela na rua, mas nos contentamos em sorrir-lo”.<sup>2</sup>

Diga-se de passagem que o erudito professor provavelmente se esqueceu, para informar-se sobre os “primatas”, de ao menos consultar um manual de geografia, caso contrário não teria colocado ao lado de Mônaco e Montenegro um país cujo território equivale a quatro quintos do *Reich* alemão e cuja população é de mais de 50 milhões de pessoas – portanto, uma potência, para parâmetros europeus. Mais importantes, no entanto, são os “instintos puros” de um representante do mundo acadêmico burguês, que podem se esbaldar num jornal da intelligentsia burguesa.

A guerra mundial colocou muitas coisas, circunstâncias, conceitos e relações de ponta-cabeça. Mas assim, a história, enquanto crítica contumaz em períodos revolucionários costuma fazer, endireitou-as e as colocou de pé. Ao subverter tudo, a guerra só mostra que era falsa a aparência de coisas que até então tinham valor. A guerra nos mostra hoje classes e condições de vida como elas são, de acordo com sua natureza ou o grau de desenvolvimento atingido, e não como as costumamos ver por baixo da máscara da tradição e da mentira convencional em tempos de paz. Arranhem um pouco o russo e encontrarão o bárbaro, diziam antigamente, arranhem um sábio, um artista, um poeta hoje na Alemanha, e o que encontrarão? Sob o fino verniz da ética intelectual há um desprezo cru por povos inteiros, flui a gosma do ódio por milhões de pessoas que falam outra língua e têm outra cor da pele. O que são bárbaros? Hoje, estamos acostumados a imaginar pessoas que comem criancinhas em território inimigo, violentam moças ou furam olhos dos feridos. Os gregos antigos que cunharam a palavra compreendiam que bárbaros eram povos que eles não conseguiam entender por causa do dialeto estrangeiro. A expressão visava principalmente os povos germânicos, cujos sons brutos batiam no ouvido grego de maneira incompreensível. “Bárbaros são sempre os outros”: na antiguidade, isso significava estar privado de qualquer

---

<sup>2</sup> Ver Werner Sombart: *Unsere Feinde*. In: *Berliner Tageblatt*, número 557 de 2 de novembro de 1914.

compreensão do outro. Nesse sentido mais elevado grego, todos os sábios que ainda ontem discursavam nos banquetes internacionais em homenagem à sublime ciência e hoje pregam o desprezo por povos estrangeiros, os poetas que ainda ontem cantavam o amor, o luar e as flores do campo e hoje tocam em suas harpas acordes enferrujados para acompanhar o sangrento ódio aos povos, todos são bárbaros que foram privados do entendimento dos costumes e formas de cultura estrangeiros para a comunhão espiritual da humanidade. Mas dessa comunhão nasceu e se inflamou toda chama da ascensão e da libertação humana. A Renascença, a Reforma e o Humanismo no final da Idade Média, a grande revolução do espírito na filosofia antes da grande revolução das coisas na França, a própria revolução e seus ecos em 1848, tudo isso foi internacional, gerado por diferentes nações e sustentado por elas. As ideias dos maiores intelectos do mundo burguês, de um Kant e de um Goethe, de Shelley, Darwin e Livingstone, Condorcet, Voltaire e Rousseau floresceram em torno da ideia universal da solidariedade humana, da comunhão cultural de tudo o que tem rosto humano. Mesmo a última ideia progressista nascida dos interesses do bolso da burguesia, o liberalismo mercantil, cobriu seu lema cru da livre concorrência com o insuficiente véu teórico de uma solidariedade natural dos interesses, não apenas entre os indivíduos, mas também entre as nações.

A tempestade imperialista rasgou esse último véu dos ideais humanitários burgueses. O que lemos hoje diariamente nas confissões de eruditos alemães e artistas a respeito do evangelho do ódio entre os povos é apenas uma súbita erupção da reação interior de uma ordem social que perdeu toda a crença em seus antigos ideais da juventude e encontra na violência bruta seu único direito de viver. Essas confissões atestam que não são milhões de pessoas da humanidade asiática e africana, e sim algumas dúzias de ideólogos que se tornaram uma espécie de primatas que revelam uma decadência inédita na acrobacia mental e na capacidade para o adestramento. O fato de a cultura burguesa falar de si mesma nas confissões dos Sombart, Dehmel, Haeckel<sup>3</sup> e outros é uma sentença histórica. Nossos obuses de 42 centímetros não destruíram apenas os fortes de Liège e Antuérpia, mas também os últimos bastiões da ideologia burguesa. Os rastros assustam. O exemplo dos Sombart e outros, que odeiam e desprezam povos estrangeiros, é o melhor sinal de alerta para o proletariado que tem consciência de classe. A ideologia decadente de uma classe dominante jamais poderá se tornar a ideologia de uma classe em ascensão.

---

<sup>3</sup> Alusão ao apelo ao mundo cultural de outubro de 1914, lançado por 93 intelectuais e artistas burgueses alemães, entre eles Richard Dehmel e Ernst Haeckel, que, invocando o legado de Goethe, Beethoven e Kant, aceitavam as informações caluniosas sobre crueldades cometidas por soldados franceses e russos, repetiam as mentiras sobre a guerra de defesa, defendiam o fim da neutralidade belga, invocavam a suposta unidade do povo e elogiavam o militarismo alemão enquanto defensor da cultura alemã.

*Sozialdemokratische Korrespondenz* (Berlim), nº 115, 6 de novembro de 1914

Tradução: Kristina Michahelles